

## NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 9 a 15 de dezembro de 1960 Nº 93

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges

### O desastre do professor Guerreiro Ramos

O PROF. GUERREIRO RAMOS, num esforço de interpretação das eleições de 3 de outubro, publicou uma série de artigos no jornal «Ultima Hora». Alguma coisa tem dito, a propósito, sobre a atividade dos comunistas e a candidatura do marechal Lott, que agora considera um desastre. Mas nosso redator Renato Guimarães, em artigo na 5ª página do 2º caderno, acha que o desastre é do ilustre professor.

### Melhores salários exigem aeronautas e aeroviários

OS TRABALHADORES aeronautas e aeroviários de todo o país continuam empenhados na campanha salarial, e a alegação das empresas de aviação comercial, de que não dispõem de meios para atendê-los, poderá levá-los, como no ano passado, a deflagração de uma nova greve geral. Leia reportagem na 2ª página deste caderno.

### URSS publica atlas da face oculta da Lua

QUASE ao mesmo tempo que enviavam ao espaço uma outra nave espacial com duas cadelas e alguns vegetais e animais, os cientistas soviéticos publicaram um atlas da face oculta da Lua. O atlas foi elaborado a partir das fotografias tiradas pelo foguete que contornou a Lua meses atrás e estudadas por uma equipe de especialistas. 8ª página do 1º caderno.

### O massacre dos camponeses em Cochabamba

A REFORMA agrária boliviana parou no meio do caminho e deixou aos próprios camponeses a tarefa de empunhar as armas em defesa de suas terras contra os latifundiários, e, como aconteceu em Cochabamba, contra o próprio exército, chamado em defesa da oligarquia. Calcula-se que quase cem camponeses morreram na cidade de Cliza. 7ª página do 1º caderno.

### Povo brasileiro na batalha em defesa de Cuba

DISCURSOS de deputados e senadores, pronunciamentos de câmaras legislativas estaduais e municipais, além de comícios e atos públicos promovidos por entidades sindicais e estudantis em todo o país, levam ao povo cubano o calor da solidariedade do povo brasileiro à sua luta contra o imperialismo. 3ª página do 2º caderno.

### Revolta contra a chibata

SEM QUE os círculos oficiais tomassem conhecimento, transcorreu em novembro último o 50º aniversário do levante dos marinheiros contra o regime de chibata na Marinha brasileira. Na 3ª página do 2º caderno o leitor encontrará uma resposta evocativa da corajosa luta dos marujos e seu líder, João Cândido (foto), hoje com 80 anos de idade.

### Primeiro dia: suborno e corrupção

UM NEGÓCIO vergenhoso, patrocinado pessoalmente pelo sr. Carlos Lacerda e dirigido pelo seu líder Amaral Neto — eis o que foi a eleição para a mesa da Assembléia Constituinte da Guanabara. Para assegurar a vitória do seu candidato, o governo lacerdistas pôs em prática, sem nenhum escrúpulo, todos os recursos que as vestais udenistas tanto condenavam com fingida indignação, na atual Câmara de Vereadores. Como denunciou o sr. Levi Neves, os votos estavam marcados pelo líder do governo. Era a forma de controlar os deputados que se venderam ao governo: Miécimo da Silva, Sami Jorge, Amando Fonseca, Atila Nunes e Silbert Sobrinho, em troca de favores e privilégios contrários aos interesses do povo. Era o primeiro dia de governo do sr. Lacerda. (Texto na 6ª página do 1º caderno).

### Rádio e TV têm gente como a gente

DANDO tudo de si, e muitas vezes até um pouco mais, os grandes cartazes do rádio e da televisão levam uma vida completamente diferente daquela que a imaginação de muitos, alimentada pelos «romances» divulgados por publicações especializadas, constrói. Astros e estrelas pagam caro o preço da fama. Trabalham noite e dia, são verdadeiros globe-trotters que correm o Brasil de Norte a Sul para levar ao público de que são ídolos o calor de suas interpretações. Verinha Nunes (foto), é um pouco disso. Televisão tornou-a mais popular, e hoje ela divide o seu tempo entre o vídeo e a ribalta, encontrando, raramente, um momento de folga para tomar seu banho de sol. Na 1ª página do 2º caderno o leitor encontrará a primeira de uma série de reportagens sobre a vida dos que trabalham no rádio e na tevê.



# LACERDA TOMA POSSE: ESPALHA O SUBÔNRO E ANUNCIA GOVERNO DE ÓDIO E VINGANÇA

O GOVERNO do sr. Carlos Lacerda, empossado segunda-feira, nasce sob o signo do ódio, da violência e do suborno. Em seus discursos, no Palácio Tiradentes e no Palácio da Guanabara, o novo governador não fez senão ameaças: ao funcionalismo do Estado, aos nacionalistas e aos comunistas. No dia seguinte, depois de nomear o espancador Cecil Borer para a polícia política, verificava-se uma brutal arbitrariedade: a prisão de um servidor do IAPM que, em conversa entre amigos, lembrava ter sido o sr. Lacerda eleito apenas por um quarto dos votos dos cariocas. (Textos na 1ª, 3ª e 6ª páginas do 1º caderno).



## Lacerdismo no Poder

ORLANDO BOMFIM JR.

UM DIA apenas de governo bastou para mostrar o que significa o sr. Carlos Lacerda no poder. Já antes havíamos assistido ao espetáculo, ridículo e ao mesmo tempo esclarecedor, de sua viagem ao exterior. Foi à Ásia para solidarizar-se com Chiang Kai Chek, a desfrutável boneco que ainda ocupa a ilha de Formosa. Intrameteu-se nos problemas da África para defender o colonialismo e condenar a heroica Argélia. Tratando da questão da América, chegou a pousar de rotundo e imberbe anti-Fidel Castro... E, além disso, andou cortejando, aqui e ali, os magnatas dos monopólios, assegurando-lhes que para eles as portas do Estado da Guanabara estarão escancaradas, tanto para que possam entrar como para que possam levar o produto da exploração de nossas riquezas e de nosso povo.

SÃO IGUALMENTE reveladores os discursos pronunciados pelo sr. Carlos Lacerda ao assumir o governo, no ato de posse e no de transmissão do cargo. Nenhum plano concreto para a solução dos inúmeros e graves problemas que afligem a vida do carioca. Apenas denúncias, no conhecido estilo de agitador demagogo, e promessas vazias e soltas, desligadas de qualquer delineamento, mesmo geral, de um trabalho sério e construtivo. Agora isto, ameaças. Ameaças a céus e terras. Naturalmente excluídos, dos céus e terras, a Light, a Telefônica, os exportadores de café que sonham impostos, os negociantes da carestia e todos os demais membros da camarilha que financiou a campanha do fundador do Clube da Lanterna.

COMO NÃO podia deixar de ser, nós, comunistas, recebemos a nosso quinhão. E mais de uma vez. Mas é claro que não iremos, por isso, perder o sono. Os fatos estão aí para mostrar o rumo do futuro, também em nossa pátria. A volta do espancador Borer para o comando do aparelho de repressão policial jamais significará que o emprego da violência fará voltar para trás a roda da História. Aliás, o sr. Lacerda afirmou, no seu discurso de posse, que o comunismo, «na sua forma atual, se disfarça de nacionalista e populista,

de anticolonialista e pacifista.» Pois é exatamente aí que bate o ponto. Aí se revela a verdadeira face — sem disfarce, ou mal disfarçado — do anticomunismo. É o pretexto para a reação contra a luta pelas reivindicações populares, pela emancipação nacional e em defesa da paz. E, pois, a arma dos que pretendem se apoiar ao avanço de nosso povo no caminho que leva à solução de seus mais decisivos problemas. E não há dúvida de que esse caminho será trilhado, transpondo-se qualquer barreira.

O PRIMEIRO dia de governo Lacerda revelou, também, o que existe de fanático na sua trombeteada defesa da moralidade política. Foi sob o signo da mais despuddorada corrupção que a situação conseguiu eleger sua chapa para a mesa da Assembléia Constituinte. Houve escandalosa negociação de votos. Chegou-se ao requinte da marcação de cédulas para se comprovar que os traficantes cumpriram a promessa e fizeram jus à retribuição.

TIVEMOS, assim, uma demonstração do que significa o lacerdismo no poder. De seus processos e de suas intenções. E são esses processos e essas intenções que o sr. Carlos Lacerda, falando com empáfia de ditador, quer impor ao povo da Guanabara. Afinal, quem representa ele? Recebeu os votos de 1/4 apenas do eleitorado. Sua política ultra-reacionária e antipopular, histórica e também estéril, foi repudiada nas urnas pela maioria esmagadora da população. Só essas circunstâncias bastariam para que qualquer político, embora mediano nos de bom-senso, sentisse pelo menos a pulga atrás da orelha. Mas o herói do «Almirante Tamandaré» não é homem dessas coisas. Quer impor seu ultra-reacionismo a ferro e fogo. Promete até transformar seu governo numa fogueira. Delírio de voluntarista, como se vê, que no fundo tem pelo povo completo desprezo. Mas outras são as aspirações e a vontade do carioca, que há de saber unir suas forças e buscar, na luta organizada e serena, com apoio nos que dignamente o representam na Assembléia Constituinte, os meios e formas de encaminhar a solução dos seus asfixiantes problemas.

Dois cadernos  
14 páginas

# 10

GRUZEIROS













# Nave Soviética Aproxima Vão do Homem ao Espaço

Os cientistas soviéticos no dia 1º de dezembro fizeram o lançamento de uma nova nave espacial, contendo em seu bojo duas cadelas e vários outros pequenos animais e vegetais. Segundo as informações oficiais da Rádio de Moscou e da Agência Tass, a nova nave não apresenta qualquer diferença fundamental em relação à anterior, recuperada depois de dois dias de viagem sideral. Diante disto, alguns círculos científicos acreditam que o objetivo fundamental de seu lançamento era testar um novo método de recuperação da cápsula. Esta interpretação é reforçada pelo fato de que o ângulo de lançamento do foguete portador foi escolhido de tal forma que a órbita da nave era muito próxima da atmosfera terrestre, onde o atrito é muito grande e a velocidade de descida terá que ser reduzida ao máximo para evitar que a cápsula se incendie.

Menos de vinte e quatro horas depois de seu lançamento, os aparelhos eletrônicos instalados na nave especial receberam da terra a ordem de abandonar a órbita inicial e voltar à terra. A nave começou a se aproximar da terra, mas não resistiu aos atritos e se incendiou. Até pouco tempo antes, os transmissores e os aparelhos de televisão para a terra ainda funcionaram, demonstrando que tudo corria bem dentro da cápsula. Apesar do fracasso parcial da experiência, os próprios círculos científicos ocidentais se apressaram em reconhecer que a URSS está mais próxima do que nunca da realização de um dos sonhos mais antigos da humanidade: o vôo cósmico.

## Características da nave

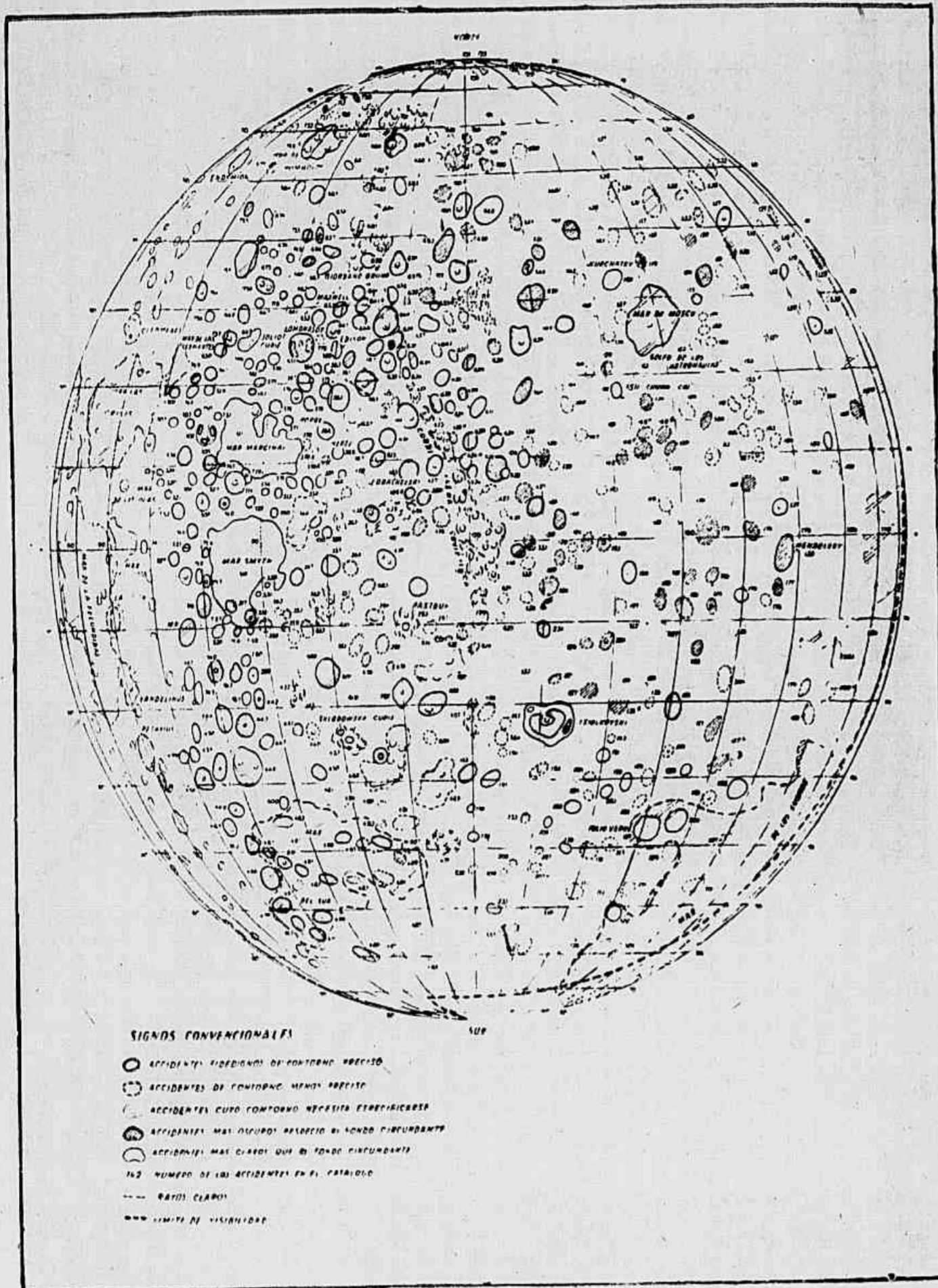
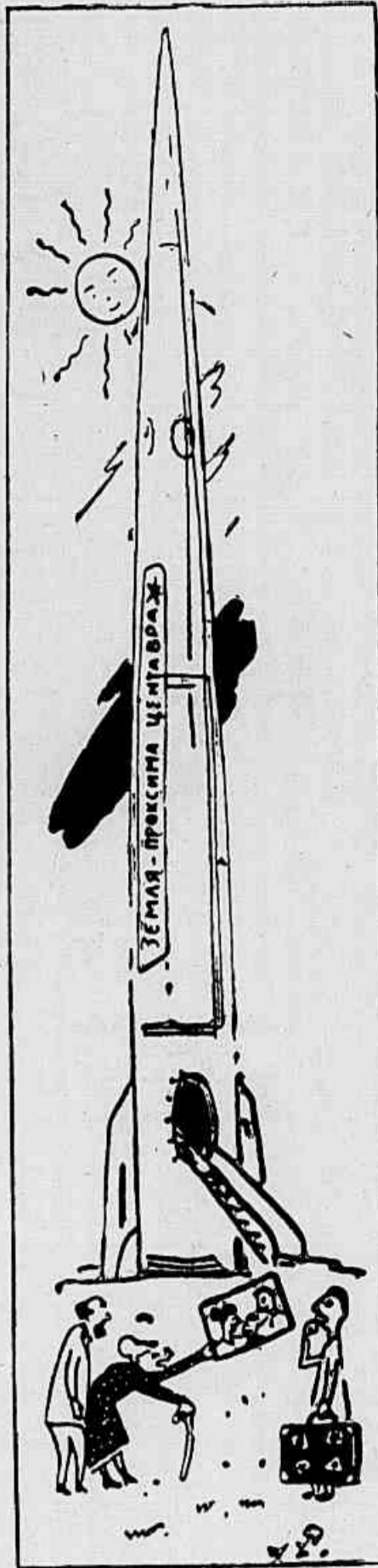
As principais características da terceira nave cósmica soviética são: Peso:

4.653 quilos, exclusive o peso do último estágio do foguete portador. Estrutura: nenhum dado preciso foi fornecido, sabendo-se apenas que há uma cabine com animais, vegetais e instrumentos. Órbita: elíptica, em torno da Terra, com apogeu de 265 Km e perigeo de 187,3 Km, inclinada de 65 graus sobre o equador. Período de revolução em torno da Terra: 88 minutos e 47 segundos. Trata-se do período inicial, isto é, do tempo empregado pela nave para efetuar sua primeira revolução em torno da Terra. Transmissão: a emissora central da nave transmite na frequência de 19.995 megacíclos, por meio de um sistema de emissões telegráficas de duração variada.

As informações colhidas pela nave são de duas ordens: medicobiológicas — estudo do comportamento dos animais e da influência das condições de vôo sobre os vegetais — e físicas — estudo da Física do espaço cósmico. Essas informações são transmitidas, além dos aparelhos de rádio e de televisão, por meio de instrumentos telemétricos.

As três naves cósmicas, lançadas pelos soviéticos este ano, tiveram mais ou menos o mesmo peso: 4.530 quilos a primeira, de 15 de maio; 4.600 a segunda, de 21 de agosto; e 4.653 quilos a terceira, lançada hoje. Nas três casos não se achá, inclusive o peso do último estágio do foguete portador.

Como a terceira nave espacial gira mais perto da Terra, seu período de revolução é mais curto, de cerca de 2 minutos. A inclinação de 65 graus sobre o equador é preferida pelos soviéticos, porque permite aos satélites passar por sobre uma grande parte da superfície terrestre.



## CIENTISTAS SOVIÉTICOS ELABORARAM

# Outro Lado da Lua já Tem um Atlas

Desde que o homem existe sobre a Terra, o olho humano jamais viu a face oculta da Lua. Há apenas alguns anos, parecia ainda que os 41% da superfície da Lua invisíveis para o homem permaneceriam para sempre inacessíveis à observação. Mas súbitamente, em janeiro de 1959, foi lançado pela URSS um foguete interplanetário, que passou perto da Lua e se transformou em planeta artificial do sistema solar. Ficou assim provado que era possível atingir um ponto do qual a face invisível da Lua podia ser vista, restando apenas encontrar o meio de fotografá-la e de transmitir essas fotos à Terra.

## A façanha

Este problema foi resolvido a 4 de outubro de 1959 quando um terceiro foguete interplanetar foi lançado pela URSS. A terceira etapa deste foguete estava equipada com duas máquinas fotográficas automáticas munidas de lentes de 200 e 500 mm de distância focal. A órbita do foguete era muito inclinada e seu apogeu, em virtude das grandes perturbações nas proximidades da Lua, se encontrava a 400.000 quilômetros da Terra. Às 4 horas (hora universal) do dia 7 de outubro, a estação automática atravessou a linha de atração da Lua pelo Sol a uma distância de 65.000 quilômetros da Lua. A Lua, vista da Terra, entrava em seu primeiro quarto depois de 4,6 dias, mas para a estação automática era quase Lua cheia. Neste momento, a uma ordem telecomandada da Terra, todos os aparelhos fotográficos dirigidos para a Lua começaram a funcionar alternadamente sobre uma película «standard» de 35 mm, que estava estendida, fixada e seca no «container».

Em 40 minutos, foi tirado um grande número de fotografias de 25x36 mm. Muitos dias depois, quando a estação automática aproximou-se da Terra e encontrou-se a uma distância suficiente, foram transmitidas pela televisão às estações receptoras da URSS os negativos varridos por milhares de linhas. Utilizou-se duas velocidades de varredura: uma, bastante lenta, quando a estação estava ao máximo afastada da Terra, e outra, mais rápida, quando ela estava mais próxima. Cada negativo foi transmitido várias vezes a fim de que se pudesse comparar os diferentes exemplares e eliminar toda interferência.

## Quinhentos pontos notáveis

Em virtude da rotação inevitável da estação, as ondas do rádio deviam ser

emitidas em todas as direções, o que diminuía muito a intensidade dos sinais em sua recepção, vários milhões de vezes mais fraca do que a da televisão comum. A imagem da Lua obtida com a lente de 200 mm tinha 10,4 mm de diâmetro e era completamente visível sobre cada foto. Mas, sobre as imagens tomadas pelo aparelho a grande distância focal, a Lua tinha 26 mm de diâmetro e não estava toda contida na foto.

Os negativos transmitidos foram reproduzidos em três exemplares, assim como os positivos ampliados também. Foram distribuídos a três institutos científicos: o observatório astronômico da Universidade de Kharkov, o Observatório de Poulkovo e o Instituto de Astronomia de Sternberg de Moscou. Cada um destes institutos entregou-se a um estudo individual das fotografias e os resultados foram em seguida comparados.

O estudo mais aprofundado foi o de Moscou, realizado com a ajuda do instituto de geodésia, cartografia e topografia.

A decifração começou por uma retificação das imagens de modo que o contorno da Lua fosse um círculo exato, mas levando em conta igualmente uma pequena irregularidade do solo perto do polo norte, não atingido pelos raios solares. A fim de suprimir os defeitos devidos a parasitas de rádio ou a outros defeitos de transmissão, foram experimentados vários métodos, entre os quais a superposição de muitas provas. Não obstante, o melhor método e o que foi finalmente adotado foi o de fazer de cada clichê várias secções fotométricas, segundo os diferentes valores de intensidade.

Isto foi feito utilizando-se a técnica da foto e do rádio. Cada detalhe assim revelado foi precisado, suas coordenadas selenográficas foram determinadas e catalogadas.

O catálogo foi dividido em três partes: primeiro os pontos de referência da superfície lunar assinalados em pelo menos três fotografias diferentes, ou o bastante nítidos para que não houvesse qualquer dúvida quanto à sua existência. Estes pontos são em núme-

ro de 252 e cerca de 100 deles se encontram na parte marginal visível da superfície da Lua, o que é uma prova a mais da qualidade da decifração. 190 pontos de referência, menos precisos, revelados por duas fotografias somente e de uma maneira menos nítida, são enumerados na segunda parte do catálogo. A terceira e última parte contém 57 pontos decifrados apenas por uma foto ou de uma maneira não muito precisa, de modo que sua existência não pode ser provada com bastante garantia. Todos estes pontos de referência foram colocados num mapa em projeção ortogonal equatorial, com um meridiano central de 120º de longitude, e representados por sinais diferentes segundo a seção do catálogo à qual pertencem.

O que diferencia essencialmente a face oculta da Lua de sua face visível é que ela tem muito poucos «mares».

Discute-se muito a propósito desta diferença.

Achamos que é inútil procurar esta causa, assim como é impossível encontrar a razão da disposição assimétrica dos continentes sobre a Terra. Tomemos, por exemplo, os dois hemisférios da Terra, o ocidental e o oriental: em relação ao Sol, à Lua e aos outros corpos celestes, eles se encontram exatamente nas mesmas condições em virtude da rotação cotidiana da Terra, e não obstante, o mapa dos continentes e dos oceanos de cada um destes hemisférios é muito diferente. Evidentemente isto se explica pelas causas, mais profundas, dos origens internas e provavelmente o mesmo acontece com as duas faces da Lua.

Algumas palavras ainda a propósito dos nomes dados aos diversos pontos de referência da face oculta da Lua. A Academia de Ciências da URSS nomeou uma pequena comissão encarregada de propor nomes para estes pontos. Assim, 25 pontos entre os mais importantes foram batizados com nomes de sábios conhecidos ou de escritores de ficções científicas e de vulgarização de épocas e de nacionalidades diferentes.

Nestes últimos dias, as Edições da Academia de Ciências da URSS publi-

caram um «Atlas da face oculta da Lua» sob a direção de N. P. Barabachov, A. A. Mikhailov e Y. N. Lipski. O atlas contém, além das informações dadas acima e da descrição do desenvolvimento das operações de decifração, a ampliação de 30 fotos, com

todos os detalhes dos negativos originais.

Os resultados do estudo das fotografias da face oculta da Lua, apresentados ao Congresso Internacional de Astronáutica de Estocolmo em agosto de 1960, foram altamente apreciados por toda a opinião científica mundial.



## Astronauta: saúde de ferro

O treinamento de um candidato a astronauta é extremamente rigoroso e tem por objetivo garantir que o futuro piloto da astronave tenha todas as condições físicas e psíquicas necessárias; ao mesmo tempo, todas as experiências indispensáveis para testar o aparelho que o conduzirá e seu sistema de telecomunicações e teledireção estão sendo feitas.

# NOVOS RUMOS



# Artistas Pagam Caro o Preço da Fama: Trabalho e Desilusões

(1ª de uma série de reportagens  
de LUIZ GAZZANEO)

O começo. Bem, o começo é sempre o mesmo para a grande maioria. A frequência permanente aos auditórios, a familiarização com o pessoal da «casa», a oportunidade de participar de um programa de colóquios com a «chance» de ser ouvido ou visto por um dos «biggs» da emissora. Se tal acontecer, vem o teste e, logo depois, o primeiro contrato.

Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Ronald Golias, Emilinha Barba — a história de todos começou mais ou menos assim. Agora são cartazes consagrados de rádio e da televisão brasileira, seus nomes correm o país de norte a sul e, com eles, as histórias que são verdadeiras lendas, de uma vida maravilhosa, diferente, num mundo também diferente.

## História e realidade

As histórias, as revistas estão cansadas de contar e o público já as conhece de cor. Elas vão dos fantasiosos romances de amor envolvendo este ou aquele astro conhecido, esta ou aquela estrela, ao anúncio bombástico de cifras fabulosas na renovação dos contratos dos maiores cartazes. A realidade, esta poucas vezes vem à tona. E, quando o faz, é pintada com as cores da desilusão e também da tragédia. A fama tem um preço, e ele não é baixo.

Quando o rádio no Brasil tinha um quê de aventura ainda, surgiu um jovem. Os que o conheceram dizem que ele era assim um tipo de Orson Welles brasileiro. Parecia-se com o fabuloso artista norte-americano tanto no físico como na capacidade de criar. Dinâmico, trabalhador, sempre procurando novas fórmulas artísticas para aplicar nos seus programas. Seu nome era Otávio Gabus Mendes. O rádio roubava-lhe todas as horas, todos os momentos e acabou por tirar-lhe a vida. Morreu trabalhando, escrevendo programas, num dia de setembro do ano de 1946.

Se a Otávio foram a paixão e a volúpia pelo trabalho que o abateram, outros sucumbiram em acidentes provocados pelas próprias condições do trabalho que realizavam. O velho Chico Viola pagava uma parte do preço que a fama lhe cobrava com viagens frequentes aos mais diversos pontos do país. Um choque de automóvel na via Dutra, quando retornava de São Paulo após um programa lá realizado, roubou-lhe a vida.

Otávio e Chico pagaram o preço máximo. Os outros pagam o seu, no dia a dia, abdicando às vezes dos mais simples prazeres que a vida proporciona.

## Quanto vale a emoção

Uma das funções do rádio é o entretenimento e a novela desempenha um papel importantíssimo. Milhares e milhares de donas de casa, diariamente, em todo o Brasil, encontram nela um derivativo para amenizar a labuta. Tem os seus autores preferidos, os seus astros e transformaram o horário da novela em qualquer coisa de indispensável. Conhecem Ghisloni, Oduvaldo Viana, Dias Gomes, Mário Lago. Os personagens que eles criaram durante anos de trabalho, escrevendo diariamente, são populares e, muitas vezes, vestiram os panos dos heróis sonhados de muitos mocinhos. Apesar disso, entretanto, o novelista de rádio é geralmente um desconhecido. Seu trabalho não é reconhecido pelos que o compram. Trin-

ta minutos de emoção custam muito pouco.

A novela radiofônica, apesar de sua popularidade, é muito mal paga. Um capítulo, correspondente a 10 laudas dactilografadas e perfazendo um total de 25 minutos de programa, custa em média mil cruzeiros e, quando o novelista já é velho na casa, o preço desce a 600 cruzeiros. A alegria e a tristeza estão desvalorizadas no rádio.

O problema da novela se repete quase que na mesma escala em outros setores da produção radiofônica e na televisão. Os produtores, os homens que escrevem programas trabalham sob as condições mais difíceis, recebendo em média salários baixos e cachês insuficientes. O resultado disso, tanto no que se refere à novela como ao programa humorístico ou de outro tipo, é que o nível dos mesmos tende a baixar de qualidade.

O novelista e o produtor têm que viver. E, para viver é preciso dinheiro. Como o comum é receberem pela quantidade de trabalho que produzem e não, como seria natural, pela qualidade do mesmo, precisam escrever muito.

Uma novela que poderia ter um desenvolvimento melhor, apresentar mais nível artístico, não atinge esses resultados. Não há tempo para pensar um pouco mais. Quando sua novela vai ao ar, o produtor sente-se frustrado. Ele compreende que poderia, em outras condições de trabalho, ter escrito algo melhor.

Um dos males apontados nos scripts de programas radiofônicos, nas novelas e programas humorísticos, é a estereotipização. O observador mais atento percebe que os personagens de uma novela, as situações têm pontos de contacto com outras anteriores do mesmo autor. O mesmo ocorre em relação a programas humorísticos. Tudo se estandariza.

O culpado pela situação é o produtor? Geralmente, não! Algumas vezes as próprias exigências deste ou daquele patrocinador levam à estandarização; outras, as próprias condições de trabalho. O novelista e o produtor não têm tempo de ler, estudar e melhorar a qualidade de seu trabalho. O resultado é negativo para o próprio rádio e para a televisão.

## Os globe-trotters

— Bem, o sábado e o domingo geralmente são reservados para shows em Recife, Porto Alegre e outras cidades.

A frase é do Chico Anísio, colhida numa palestra informal com o repórter. Revela em toda a sua crueza a vida do ator do rádio e da televisão e também do cantor.

O público geralmente toma nota dos salários fabulosos que recebem os grandes cartazes do rádio e da televisão. Toma nota das cifras mas não sabe o quanto custa ganhá-las e nem a parcela de lucro que elas representam para as emissoras.

Os jornais noticiam, Manuel da Nóbrega recebeu um salário espetacular para assinar contrato com determinada estação de televisão. O que quer dizer esse salário? Algumas viagens de avião por semana, programas em diferentes cidades e muito trabalho. Existem atores e cantores que realizam uma média de 6 viagens semanais de avião Rio-São Paulo-Rio e mais algumas extras para Belo Horizonte. Os grandes cantores populares levam uma vida de verdadeiros globe-trotters para fazer jus a uma verba elevada. Existem casos de cantores que passam cada dia

da semana em uma cidade diferente do país. Viajam nas piores condições, e não são raros os momentos de perigo que atravessaram. É comum, nos corredores das emissoras de rádio e televisão, ouvirem-se conversas desse tipo:

— Rapaz, escapamos por pouco, ontem, quando o avião ia aterrissar em Belém. Ouve um defeito qualquer e ficamos sobrevoando a cidade mais de meia-hora.

— Isso não é nada. O meu, logo após sair de São Paulo, teve de voltar com pane num motor.

## O dia tem 24 horas

Os salários pagos pelas estações de rádio a cantores de fama são tão baixos, que para completar o orçamento, o artista é obrigado a aproveitar todas as oportunidades que aparecem. Para muitos o dia tem mesmo 24 horas. O negócio começa pela manhã, com uma gravação que veio madrugada adentro. E só o tempo de chegar em casa, tomar um banho e correr à estação, para o programa do meio-dia. Depois se arranja um tempinho para almoço e logo vem o ensaio. À noite, o programa e, depois o bule. No dia seguinte não vai haver gravação, mas já existe uma viagem marcada para Porto Alegre. O jeito é aproveitar e dormir no avião.

Situações desse tipo não constituem exceção. É a regra geral para os grandes cartazes do Rádio e da TV. A vida é apenas trabalho. O mais simples prazer lhes é negado pelas injunções da fama. O casamento muitas vezes é uma temeridade e a própria concepção de lar, de um lugar repousante, não existe. A fama rouba tudo e só deixa trabalho, mal recompensado.



## As mágoas de Isaurinha

Veterana do rádio, uma das mais populares e categorizadas cantoras do Brasil, Isaurinha sacrificou toda a sua vida pela fama. Seu nome corre mundo, pode-se dizer; mas quanto ganhou ela com isso? Muito pouco dinheiro, muitas desilusões e nenhum momento de sossego para dedicar ao lar. Viveu e vive para a música, somente.

# NOVOS RUMOS

ANO II

— Rio de Janeiro, semana de 9 a 15 de dezembro de 1960

Nº 93



## A tragédia do produtor

O telefone traz o pedido, Janet Clair, uma das grandes novelistas do rádio brasileiro, vai ter que escrever, em pouco tempo, um novo drama radiofônico de tantos capítulos. O drama do produtor e do novelista de rádio e televisão é uma brutal injustiça. A péssima compreensão de muitos patrocinadores, a ausência quase que completa de preocupação, da parte dos diretores das emissoras, são os principais responsáveis pelo baixo nível da programação. O autor, que tem que escrever para ganhar dinheiro, geralmente é um insatisfeito.

# Rublo Tira o Sono do Mundo Capitalista

## Dicionário

### Dinheiro Primitivo e Capital

Na sessão realizada em junho último, decidiu o Soviet Supremo da URSS realizar uma reforma monetária tal, que a cada dez rublos de curso atual, corresponderia um novo rublo. Ao mesmo tempo, uma vez que se trata de uma modificação da moeda apenas como escala de preços, os preços das mercadorias e serviços na URSS sofreriam uma redução correspondente. Um exemplo: um operário que ganhe atualmente 800 rublos mensais e pague 20 rublos de aluguel, passaria a perceber 80 novos rublos e a pagar de aluguel 2 novos rublos. A medida foi decretada na mencionada reunião do Soviet Supremo e entrará em vigor a partir de 1º de janeiro vindouro.

Não se trata, portanto, no plano interno da economia, de uma valorização ou desvalorização da moeda, mas tão somente de uma alteração no seu valor como escala de preços. Para a população não haverá diferença, a não ser pequenas vantagens decorrentes do arredondamento dos preços, ao serem reajustados os preços e tarifas.

Da mesma maneira, não se trata de algo de natureza idêntica ao que tem sido feito em outros países. Na França, por exemplo, há um ano, o governo decidiu introduzir o novo franco, de valor igual a 100 francos antigos. A causa dessa reforma foi a inflação do meio circulante no país, decorrentes sobretudo das elevadíssimas despesas

em relação às moedas dos Estados estrangeiros.

«O conteúdo-ouro do rublo é estabelecido em 0,987 412 grama de ouro puro e o preço de compra de ouro pelo Banco do Estado da URSS é fixado em 1 rublo por um grama de ouro puro.

«A cotação do rublo em relação ao dólar é estabelecida em 90 copeques por dólar dos Estados Unidos da América.

«O Conselho de Ministros da URSS incumbiu o Banco do Estado da URSS de elevar a cotação do rublo em relação às moedas dos outros países capitalistas em consonância com a elevação do conteúdo-ouro do rublo. Em caso de modificação do conteúdo-ouro das moedas destes países ou de modificação nas cotações de suas moedas, o Banco do Estado da URSS fica incumbido de fixar a cotação do rublo, tendo em conta essas modificações.»

#### Cotação internacional do rublo

A 15 do corrente, o governo soviético divulgou o seguinte decreto relativamente ao novo conteúdo-ouro do rublo e à elevação da cotação do rublo em comparação com as moedas dos Estados estrangeiros: «O Conselho de Ministros da URSS aprovou resolução sobre a elevação, a partir de 1º de janeiro de 1961, do conteúdo-ouro do rublo e sobre a cotação do rublo

em relação às moedas dos Estados estrangeiros.

«O conteúdo-ouro do rublo é estabelecido em 0,987 412 grama de ouro puro e o preço de compra de ouro pelo Banco do Estado da URSS é fixado em 1 rublo por um grama de ouro puro.

«A cotação do rublo em relação ao dólar é estabelecida em 90 copeques por dólar dos Estados Unidos da América.

«O Conselho de Ministros da URSS incumbiu o Banco do Estado da URSS de elevar a cotação do rublo em relação às moedas dos outros países capitalistas em consonância com a elevação do conteúdo-ouro do rublo. Em caso de modificação do conteúdo-ouro das moedas destes países ou de modificação nas cotações de suas moedas, o Banco do Estado da URSS fica incumbido de fixar a cotação do rublo, tendo em conta essas modificações.»

#### Significado da medida

Acêrca dessa decisão do governo soviético têm sido feitas, aqui como nos outros países, diversas especulações. Há quem afirme, por exemplo, que se trataria de uma desvalorização do rublo, afirmação, aliás, que não resiste à menor crítica. Assim, segundo esses, se o rublo atual tem seu conteúdo-ouro fixado em 0,222 168 grama de ouro, uma nova moeda de valor dez

vêzes superior à atual, deveria ter um conteúdo-ouro também dez vêzes maior; então, o conteúdo-ouro do novo rublo deveria ser de 2,221 680 gramas e não de 0,987 412 grama, como anuncia o governo soviético. Isso, segundo os mesmos críticos, importaria numa desvalorização efetiva de 56 por cento.

De fato, estão sendo confundidas duas coisas diferentes: o significado do rublo internamente, na URSS, e sua cotação internacional, isto é, seu conteúdo-ouro. Essa diferença tem que existir necessariamente, é uma decorrência direta da diferença de estruturas das economias socialista e capitalista, da diversidade dos mercados. Os mesmos serviços e as mesmas mercadorias têm custos completamente diferentes segundo se os considere na URSS ou nos Estados Unidos, por exemplo. Um interessante trabalho do economista soviético P Mstislavski, publicado nos números 21 e 22 da revista «Tempos Novos», deste ano, faz um estudo comparativo das despesas de consumo de uma família de quatro pessoas nos Estados Unidos e na URSS. Por esse estudo, chega ele à conclusão de que do ponto-de-vista do consumo, a capacidade aquisitiva do rublo em relação ao dólar é de 6,5 para 1, ou seja, o que uma família soviética compra na URSS por 6 rublos e meio, uma família americana adquire nos Estados Unidos por apenas 1 dólar. (No mesmo estudo, Mstislavski chega à conclusão de que o nível de consumo de uma família média soviética representa atualmente pouco mais de 55 por cento do nível médio de uma família americana; sobre o assunto, o economista norte-americano Victor Perlo, à base de observações pessoais, fez interessantes considerações em entrevista à mesma publicação, no seu número 28 do ano em curso).

Entretanto, se 6,5:1 é a relação do ponto de vista do consumo, o mesmo não ocorre se forem levados em conta os setores econômicos situados fora da esfera do consumo e que são bastante amplos na economia soviética. Ai, a relação rublo/dólar deverá ser necessariamente outra, mais favorável ao rublo, de tal maneira que a cotação internacional do rublo em relação ao dólar seja, realmente, de 4 para 1. Hoje, aliás, tal correlação está para modificar-se em favor do rublo, independentemente da resolução do governo soviético, o que sucederá no caso (esperado) de uma desvalorização oficial do dólar.

Outra especulação que vem sendo feita é no sentido de se o governo soviético pretende declarar a convertibilidade do novo rublo. Em tal caso, isto é, desde que a URSS colocasse sua moeda nos mercados internacionais, com o conteúdo-ouro mencionado, passaria ela a ser negociada em todo o mundo. Teria curso universal, tal como hoje sucede com o dólar, a libra, o franco suíço e poucas moedas mais.

#### Nova moeda forte?

Entretanto, em face da possível desvalorização oficial do dólar a convertibilidade do rublo não significaria, apenas, a existência de uma nova moeda conversível. Tornar-se-ia o rublo a mais forte de todas as moedas conversíveis. A garantia residiria nas reservas de ouro da União Soviética, as quais, apesar de desconhecidas, são, segundo todos os observadores, elevadas.

Ainda de acordo com essas conjecturas, a União Soviética poderia colocar no exterior uma quantidade limitada de divisas, o bastante, porém, para marcar sua presença nos mercados capitalistas. Essa possibilidade decorreria do caráter centralizado da economia soviética, a qual poderia adotar medidas fora do alcance das economias capitalistas.

A convertibilidade do rublo, segundo essas mesmas considerações, teria por efeito fortalecer o prestígio internacional da União Soviética e concorreria para abalar ainda mais a situação do dólar, já periclitante em face da recente corrida ao ouro no mercado mundial.

## Nota Econômica

### Têm Solução os Problemas Econômicos do Desarmamento

Em nossa edição anterior, focalizamos a conferência recentemente pronunciada em Varsóvia pelo professor Oskar Lange, detivemo-nos na afirmação de que o desarmamento nos países capitalistas oferece maiores dificuldades do que nos socialistas. Naquelas, aos problemas decorrentes da transferência de mão-de-obra e sua conversão para fins não militares, da capacidade industrial, dos estoques de matérias-primas, etc., vem juntar-se o da diminuição da demanda efetiva. «O fechamento ou a diminuição do rendimento das fábricas de armamentos, acarreta uma redução da mão-de-obra e da demanda de bens de consumo. Acarreta, ademais, a diminuição da demanda de bens de investimento. Tal processo torna-se cumulativo e pode resultar numa retração geral do nível da atividade econômica — numa recessão ou mesmo depressão.»

Essas dificuldades para o desarmamento sob o capitalismo, continua Lange, são aproveitadas pelos elementos interessados na produção de armamentos, como também, pelos meios políticos desejosos de ver prosseguir a corrida armamentista. Semelham o temor nos círculos de negócios, no seio da opinião pública e inclusive entre os trabalhadores ocupados nessa atividade. O professor Oskar Lange define tais receios como sendo o medo das consequências econômicas da paz. É este pânico que gera as baixas das cotações das ações na Bolsa, quando as negociações sobre o desarmamento parecem progredir. «As apreensões deste tipo constituem um fator político importante e perigoso» — assinala.

Reconhecendo, embora, que esses temores na economia capitalista são objetivamente justificados, advverte Lange que não devem ser, porém, dramatizados. Isso porque na estrutura atual da economia mundial, o perigo de uma recessão ou de uma depressão resultante do desarmamento pode ser enfrentado com sucesso, desde que adotadas medidas adequadas, tanto na política interna como na internacional.

A seguir, entra na análise daquelas medidas, no domínio da política internacional, capaz de afastar tais receios. E enumera essas medidas que são, essencialmente, duas: 1) o desenvolvimento do comércio internacional sem os obstáculos criados pela divisão da economia mundial em duas partes — capitalista e socialista e 2) a ação nacional e internacional para lutar contra o subdesenvolvimento econômico. A essas duas medidas, diz o professor Lange, poderia juntar-se uma terceira: a cooperação no domínio da ciência e da tecnologia.

A guerra fria, afirma, assume também um aspecto econômico: discriminação comercial ou mesmo em blocos. Entretanto, assinala que a prática mostrou a ineficácia desses «instrumentos» da guerra fria. As dificuldades causadas nos países contra os quais foram aplicados revelaram-se mínimas e, ainda assim, apenas na esfera do consumo. Não puderam impedir o seu desenvolvimento, nem o fortalecimento militar. Resultado, de resto, necessário, pois é como se uma metade do mundo tivesse tentado submeter a outra metade a um bloqueio.

A cessação da guerra fria contribuiria para o estabelecimento de vínculos orgânicos econômicos entre países e regiões. O professor Lange cita, como exemplos, os laços tradicionais entre a Europa Ocidental e a Oriental, formados historicamente, e as relações econômicas entre o Japão e a China. «O aumento do comércio Leste-Oeste, ou mais precisamente do comércio entre os países socialistas e capitalistas, poderia contribuir de maneira substancial para pensar nos países capitalistas a baixa da demanda efetiva provocada pela suspensão da produção de armamentos» — assinala. Chama, então, a atenção para que não se deve subestimar a importância dessa consequência, tendo em vista os altos índices de crescimento da economia socialista e, ainda mais, o fato de que para 1965 estima-se que a economia socialista será cerca de metade da produção industrial mundial.

A possibilidade do intercâmbio Leste-Oeste é importante não apenas no que respecta ao seu volume, como também pela sua estrutura. Vários dentre os países socialistas encontram-se num estágio pouco avançado de industrialização, daí a necessidade de máquinas, equipamento industrial, produtos químicos e matérias-primas, isto é, de tudo aquilo que pode provir das usinas hoje empregadas na produção de material bélico.

Fator de compensação ainda mais importante — de acordo com Lange — pode ser encontrado na ajuda aos países subdesenvolvidos. Definido esse tipo de ajuda, para que seja realmente eficaz, afirma o professor Lange: «Para poder verdadeiramente dar seus frutos, deve (a ajuda) ser muito mais conseguinte do que o é atualmente. Deve ser o bastante ampla para transportar o umbral que separa os projetos de investimentos em mineração de um programa corrente de desenvolvimento capaz de conduzir a uma modificação qualitativa da estrutura econômica dos países subdesenvolvidos. Uma grande parte da assistência até agora prestada aos países subdesenvolvidos não responde a essas exigências. Em consequência, suas repercussões econômicas são inexistentes.»

A condição para que esta ajuda se mostre eficaz é que se desprenda dos quadros da guerra fria, o que exige uma cooperação dos países capitalistas e socialistas. «Tal é a razão por que uma ação internacional deve ser empreendida de preferência sob os auspícios das Nações Unidas. A ajuda prestada diretamente sob a forma de empréstimos, de investimentos por diversos países, ou proveniente de capitais privados, pode ser muito útil, com a condição de que não seja fornecida no espírito da guerra fria e de encontro à independência nacional dos países interessados.»

A intervenção do professor Lange no debate ora em curso no mundo constitui, como se vê, um corpo de ideias de alto valor e vem juntar-se a outros pronunciamentos de eminentes economistas no sentido de que, mesmo para o mundo capitalista, o desarmamento não significará, portanto, perdas comórges econômicas.



## Empréstimo a Cuba: Negócio da China

Se ainda for lícito falar-se em «negócio da China», então certamente o governo revolucionário de Cuba terá feito um negócio da China: recebeu do governo de Pequim um empréstimo de 60 milhões de dólares, sem juros, para a compra de equipamento industrial e para investimentos na economia cubana. Do ponto de vista econômico, o empréstimo constitui uma valiosa ajuda ao desenvolvimento de Cuba, uma vez que hoje em dia a China já dispõe de considerável pauta de produtos industriais e equipamentos. Para este ano, por exemplo, a China espera atingir uma produção de 90 mil máquinas-ferramentas, que constitui equipamento industrial básico.

Além do empréstimo, o acordo concluído entre os dois países prevê que Cuba venderá anualmente à China 1 milhão de toneladas de açúcar. Assim, Havana já tem mercado certo para uma parte considerável de sua produção, à qual os Estados Unidos de Eisenhower e Herter fecharam as portas.

O acordo tem a maior significação. Em primeiro lugar, o montante do empréstimo é apreciável. Como curiosidade, poderíamos compará-lo com os 500 milhões de dólares que os Estados Unidos anunciaram há três meses estarem dispostos a conceder à América Latina. Supondo que houvesse uma divisão igualitária, a Cuba, como um dos vinte países latino-americanos, caberia a vigésima parte daquele total, ou 25 milhões de dólares. Se, entretanto, o critério que vier a ser adotado (não convém esquecer que o empréstimo ainda depende de certa regulamentação pelo Congresso norte-americano) for outro, o demográfico, por exemplo, a parte que tocaria a Cuba, com seus 6 milhões de habitantes, seria consideravelmente menor.

Em segundo lugar, o empréstimo chinês é sem juros, ao passo que o norte-americano, ainda que cobre juros baixos, implicará nessa divisão adicional.

Em terceiro lugar, o empréstimo norte-americano tem uma des-

tinuição específica: visa ao desenvolvimento... social. Será aplicado na construção de hospitais, escolas, em melhoramentos sanitários, na urbanização, etc. O empréstimo da China, pelo contrário, contribuirá diretamente para o desenvolvimento econômico de Cuba, pois será aplicado na industrialização do país, condição primeira para resolver todos os demais problemas, inclusive o de escolas, hospitais, etc.

Do ponto-de-vista político, implica numa séria ajuda ao governo revolucionário de Fidel Castro que, assim, estará em melhor situação para resistir à política de provocações, de ameaças, intimidação e bloqueio econômico de Washington. É mais um exemplo de que, sem que o imperialismo possua a mesma essência, o mundo é outro. Os povos já têm o direito de escolher o seu destino e podem contar com o apoio de outros povos que já escolheram livremente o seu.









NO IBIRAPUERA

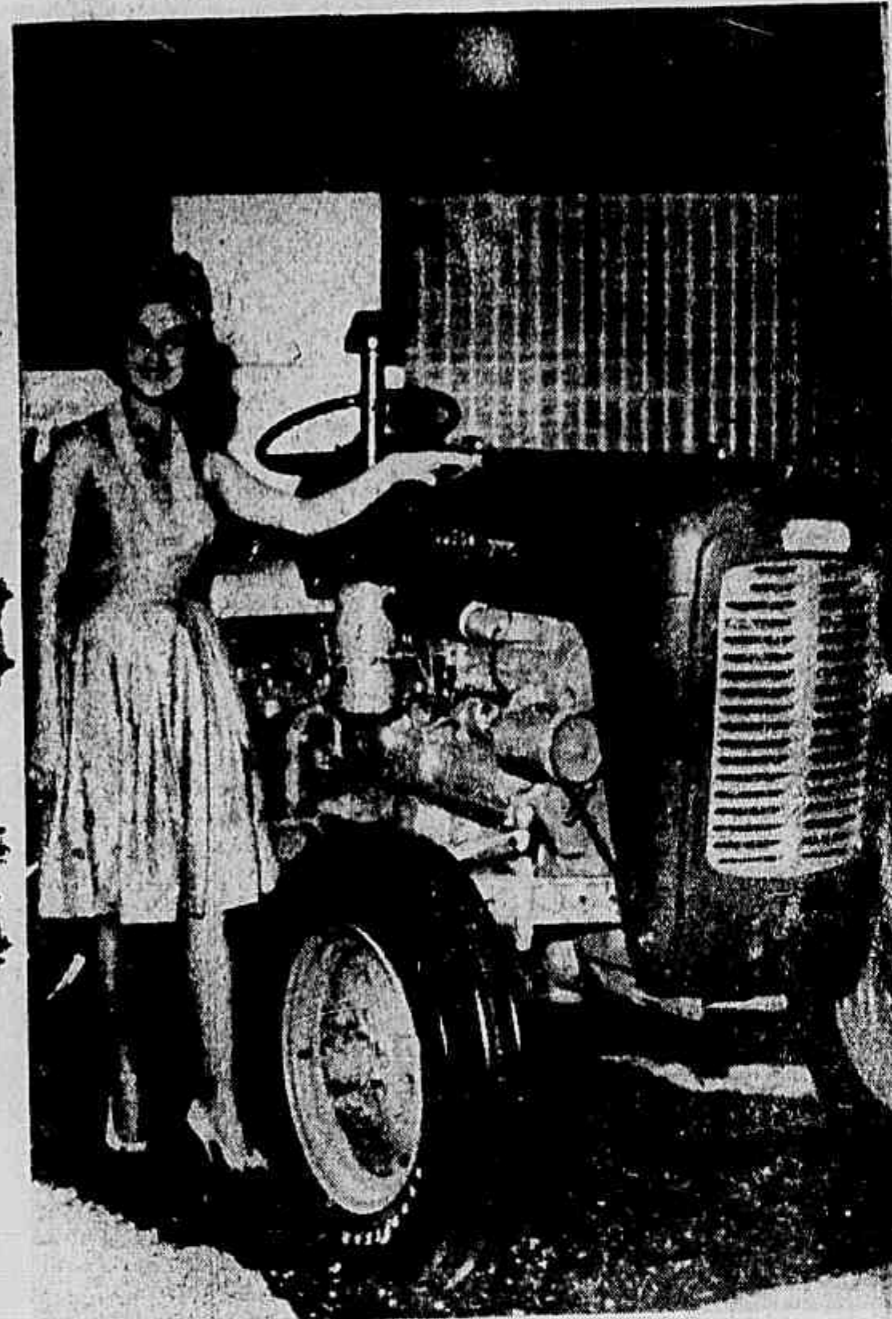
# 1º Salão Dos Veículos Nacionais: Boa ou má Brasil já Tem Indústria



**FNM: governo é padrasto**

O "stand" do automóvel JK, da Fábrica Nacional de Motores, era como um símbolo de toda a indústria automobilística brasileira. Enquanto os "stands" das outras empresas, estrangeiras, contavam com a presença agradável e simpática das recepcionistas, o da companhia nacional mostrava apenas bonecos. A FNM utiliza os modelos de caminhão e automóvel da Alfa-Romeo e ambos são considerados de excelente qualidade e sua produção já é praticamente nacional em sua totalidade, mas a FNM foi a empresa que menos se beneficiou com o protecionismo à indústria automobilística.

**Trator vai crescer**



A produção de tratores estava sendo relegada a segundo plano. Atualmente já estão adiantados os planos para a instalação de fábricas nacionais, inclusive mediante a colaboração dos países socialistas.



**Autopeças em perigo**

Paralelamente à indústria automobilística, a de autopeças se desenvolveu bastante, com a particularidade de que as empresas que a constituíam, mais de um milhar, eram em sua maioria nacionais. Como a instalação da indústria automobilística foi feita desordenadamente, as grandes empresas estrangeiras começaram a fabricar também autopeças esmagando as nacionais.



**Ford também é «brasileira»**

A Ford produz no Brasil apenas dois tipos de caminhão e um de camioneta. Seu grau de nacionalização é dos mais baixos em suas categorias, apesar de toda a sua propaganda em sentido contrário. Foi das últimas a se decidir a montar fábrica no Brasil, mesmo com as vantagens concedidas pelo governo. Só veio para não perder o mercado.



**Jipes de todo jeito**

A Willys Overland, segundo se informa, é a mais nacional das empresas automobilísticas, com exceção, é claro, da Fábrica Nacional de Motores, companhia estatal. A maioria das ações da Willys é de propriedade de brasileiros. Seus veículos são quase que totalmente produzidos no Brasil, a não ser o carro Dauphine, para cuja produção ela se associou à companhia francesa Renault e cujas peças são em sua maioria importadas. Sua produção de jipes é uma das mais afetadas pelo superdimensionamento da nossa indústria automobilística.

## NOVOS RUMOS



**Brasileiros só olham**

A General Motors, a maior companhia da indústria automobilística norte-americana, só produz no Brasil um caminhão e uma camioneta. Foi também das que mais se aproveitou dos cem bilhões empregados pelo governo.